



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CULTURA VISUAL - MESTRADO

ESTÉTICAS DA EXISTÊNCIA: a moda nos festivais de rock

(Goiânia Noise Festival e Lollapalooza Music Festival - 2008/2009)

Lorena Pompei Abdala

Goiânia/Goiás
2010

Universidade Federal de Goiás
Faculdade de Artes Visuais
Programa de Pós-Graduação em Cultura Visual - Mestrado

**ESTÉTICAS DA EXISTÊNCIA:
a moda nos festivais de rock**

(GOIÂNIA NOISE FESTIVAL E LOLLAPALOOZA MUSIC FESTIVAL – 2008/2009)

Lorena Pompei Abdala

**Goiânia/Goiás
2010**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
GPT/BC/UFG

Abdala, Lorena Pompei.
A135e Estéticas da existência: a moda nos Festivais de Rock
(Goiânia Noise Festival e Lollapalooza Music Festival-
2008/2009) [manuscrito] / Lorena Pompei Abdala. - 2010.
186 f. figs,

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Mírian Costa Manso Moreira
Mendonça.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás,
Faculdade de Artes Visuais, 2010.

Bibliografia.

Inclui lista de figuras.

1. Moda 2. Cultura Visual 3. Práticas de Si 4. Identidade
I. Título.

CDU: 7:391

Universidade Federal de Goiás
Faculdade de Artes Visuais
Programa de Pós-Graduação em Cultura Visual - Mestrado

ESTÉTICAS DA EXISTÊNCIA:
a moda nos festivais de rock
(GOIÂNIA NOISE FESTIVAL E LOLLAPALOOZA MUSIC FESTIVAL – 2008/2009)

Lorena Pompei Abdala

Dissertação apresentada à Banca do Programa de Pós-Graduação em Cultura Visual – Mestrado da Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás, como exigência parcial para a obtenção do título de MESTRE EM CULTURA VISUAL, sob orientação da Profa. Dra. Mírian Costa Manso Moreira Mendonça.

Goiânia/ Goiás
2010

bloqueados através dos procedimentos de segurança (criptografia e para não permitir cópia e extração de conteúdo) usando o padrão do Acrobat Writer.

Lorena Pompei Abdala

Data: 13/05/2010

Universidade Federal de Goiás
Faculdade de Artes Visuais
Programa de Pós-Graduação em Cultura Visual – Mestrado

**ESTÉTICAS DA EXISTÊNCIA:
a moda nos festivais de rock**
(GOIÂNIA NOISE E LOLLAPALOOZA MUSIC FESTIVAL - 2008/2009)

Lorena Pompei Abdala

Dissertação defendida e aprovada em 13 de Abril de 2010.

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. **Mírian Costa Manso Moreira Mendonça** (FAV/UFG)
Orientadora e Presidente da Banca

Profa. Dra. **Ágda Regina de Carvalho** (SENAC/SP)
Membro Externo

Prof a. Dra. **Maria Elizia Borges** (FAV/UFG)
Membro Interno

Profa. Dra. **Ney Clara de Lima**. Museu Antropologico/UFG
Suplente do Membro Externo

Profa. Dra. Rita Morais de Andrade. (FAV/UFG)
Suplente do Membro Interno

Agradecimentos:

Agradeço à todos que de alguma forma contribuíram para a produção deste trabalho, especialmente aos apoios de Fernando, Lígia, Jorge e Lísia.

“O estilo é uma maneira muito simples de dizer coisas complicadas.”

Jean Cocteau.

Resumo

Esta dissertação versa sobre as práticas de si como mediadora do processo de construção das identidades, as quais legitimam as existências sócio-culturais dos sujeitos. Através das narrativas visuais produzidas no cenário dos festivais de rock, foram traçadas as relações da moda como instrumento para a construção das identificações. A moda, entendida como uma prática social e cultural opera como um suporte existencial na fixação das visualidades da representação simbólica de uma dada cultura, num dado tempo e espaço histórico. As figuras de estilo criadas pelas práticas da moda geram arquétipos sociais que se tornam signos de um modo de vida. A vestimenta torna-se um sistema inteiro de significação. A análise baseia-se em fotografias tiradas de freqüentadores dos dois festivais (Festival Goiânia Noise e Lollapalooza Music Festival), lembrando que foram considerados os sujeitos fotografados e não a fotografia em si, como suporte de observação. O estudo foi estruturado pensando os sistemas simbólicos como criadores de comunidades de existências e a moda como uma forma de prática social. Deste modo, o trabalho se fundamenta, nos discursos da moda, na forma de como as identidades são fixadas pelos simulacros criados pelos grupos/tribos e de como se estabelecem as existências mediadas pela poética cotidiana do vestir.

Palavras-chave: Moda, Cultura Visual, Práticas de si, Identidade.

Abstract

This dissertation deals about the care of the self as a mediator of the construction of identities, which legitimize the existence of the socio-cultural subjects. Through the visual narratives produced in the scenario of rock festivals, were traced the relationship of fashion as a tool for the construction of identity. The fashion, understood as a social and cultural practice operates as an existential support in the setting of the visual symbolic representation of a given culture at a given time and space history. The figures of speech created by the practices of fashion generate social archetypes that become signs of a life style. The dress becomes a whole system of meaning. The analysis is based on photographs taken of goers of the two festivals (Festival Goiânia Noise and Lollapalooza Music Festival), noting that were considered the subjects photographed and not the photograph itself, as supported by observation. The study was structured considering the symbolic systems as creators of communities of existence and fashion as a form of social practice. Thus, the work is grounded in the discourse of fashion in the form of how identities are determined by simulations made by the groups / tribes and how to establish mediated existence poetics of everyday wear.

Key Words: Fashion, Visual Culture, Care of the Self, Identity.

Sumário

Introdução	1
1. Estéticas da Existência	
1.1 As Práticas de si	16
1.2.Noções sobre a idéia de Corpo	17
1.3. Os Sujeitos e os Discursos	29
	43
2. Discursos da Moda: Narrativas Visuais	56
2.1.Modas como Prática Social	57
2.2.Modas e Identidade	68
2.3.Modas como suporte da existência	84
3. Moda e Música	97
3.1.Existências no Cenário Rock	98
3.2.A Identidade nos Festivais: Um Possível Olhar	114
Reflexões Finais	161
Referências Bibliográficas	167

Índice de imagens

Figura 1. Banda New York Dolls.	15
Figura 2. David Bowie	15
Figura 3. Macacão de Elvis Presley	27
Figura 4. Jaqueta de M. Jackson	28
Figura 5. Filme Grease, 1978.	36
Figura 6. Jimmi Hendrix. 1960	37
Figura 7. Siouxsie, 1980	37
Figura 8. Ozzy Osborone.	38
Figura 9. Marlyn Manson.	38
Figura 10. Madonna.	39
Figura 11. David Bowie, Glamrock	39
Figura 12. Sid Vicious, Punk.	40
Figura 13. Debbie Harry.	40
Figura 14. Ramones.	41
Figura 15. Kurt Cobain, Grunge	41
Figura 16. Banda YYY.	42
Figura 17. Banda Vive La Fete.	42
Figura 18. Loja Adidas, China.	46
Figura 19. Loja Gucci, China.	47
Figura 20. Puffy Dady, rapper	49
Figura 21. Mircha Barton, artiz.	50
Figura 22. Banda New York Dolls.	52
Figura 23. Cópias de vestidos.	61
Figura 24. Identidade Punk.	74
Figura 25. Identidade Indie rock.	75
Figura 26. Identidade Folk.	75

Figura 27. Identidade rock Givenchy	89
Figura 28. Identidade rock Givenchy	89
Figura 29. Identidade Gótica.	93
Figura 30. Identidade Punk-rock	93
Figura 31. Identidade Indie rock	94
Figura 32. Loja Vivienne Westwood.	112
Figura 33. Personas do punk	112
Figura 34. Frequentador Goiânia Noise.	124
Figura 35. Frequentador Goiânia Noise.	125
Figura 36. Frequentador Lollapalooza.	127
Figura 37. Frequentador Goiânia Noise.	128
Figura 38. Frequentador Goiânia Noise.	130
Figura 39. Frequentador Goiânia Noise.	131
Figura 40. Siouxsie, estética punk	133
Figura 41. Frequentador Goiânia Noise.	134
Figura 42. Frequentador Goiânia Noise.	135
Figura 43. Frequentador Goiânia Noise.	137
Figura 44. Frequentador Lollapalooza	138
Figura 45. Frequentador Goiânia Noise.	139
Figura 46. Frequentador Goiânia Noise.	141
Figura 47. Frequentador Lollapalooza	142
Figura 48. Frequentador Goiânia Noise.	143
Figura 49. Frequentador Lollapalooza	145
Figura 50. Estética Mod.	147
Figura 51. Frequentador Goiânia Noise.	148
Figura 52. Frequentador Goiânia Noise.	149
Figura 53. Frequentador Goiânia Noise.	151
Figura 54. Frequentador Goiânia Noise.	152
Figura 55. Frequentador Lollapalooza.	153
Figura 56. Frequentador Lollapalooza	154
Figura 57. Estética Pós-punk	155
Figura 58. Frequentador Goiânia Noise.	156
Figura 59. Frequentador Goiânia Noise.	157

Intrrodução

O tema deste trabalho busca um diálogo sobre as configurações das identidades nos festivais de rock, através do olhar da moda ao que se refere às práticas vestimentares e os discursos nelas impressos. A pesquisa pretendeu esboçar uma reflexão acerca da moda entendida como uma experiência estética responsável por atribuir ao corpo e ao sujeito significância existencial.

A pesquisa se amparou em fotografias tiradas de freqüentadores de dois festivais de rock, nos anos de 2008 e 2009: o Goiânia Noise, que acontece anualmente na cidade de Goiânia, no Brasil, desde 1995 e o Lollapalooza Music Festival, que acontece em Illinois, Chicago, nos Estados Unidos desde 1991.

A idéia de trazer os dois festivais para a discussão, parte do intuito de elucidar a convergência do discurso simbólico dos mesmos. Em ambos os festivais podemos observar semelhanças nas práticas vestimentais que atendem ao perfil imagético da cena rock. Sendo assim, o objetivo desta investigação é refletir o sistema da moda, entendido como uma prática social que indica a forma como as pessoas interpretam a cultura para seu próprio uso. A práxis de si na construção da identidade é geradora de estéticas da existência.

A metodologia de investigação desta pesquisa será de natureza qualitativa. Contará com o recolhimento de dados bibliográficos e análises reflexivas acerca dos dados coletados. Portanto, o método a ser utilizado será o indutivo, a fim de se observar, uma das partes, dos fenômenos da moda, da estética e da cultura, partindo de conceitos particulares para um conceito mais amplo das visualidades na moda.

Um dos objetivos desta proposta será demonstrar através de uma interpretação crítica e reflexiva da imagem os processos de percepção estética dentro dos conceitos de moda, entendida como um fenômeno sócio-cultural, construtor de arquétipos baseados no inconsciente coletivo e nas experiências pessoais internalizadas por cada sujeito.

O interesse pela abordagem do tema surge diante da observação de como a localização cultural dos sujeitos interfere nas práticas subjetivas e objetivas da identidade, já que o universo simbólico que envolve cada um de nós produz narrativas visuais e identitárias que correspondem às apropriações culturais que fazemos da realidade. Neste sentido, as práticas da moda são um dos mecanismos que mais evidencia as práticas da identidade, pois é materializada nos corpos dos sujeitos.

A temática do cenário rock foi escolhida por ser uma arena em que as configurações e elementos construtores das referências simbólicas são ricamente explorados na relação dos sujeitos consigo mesmos. A infinidade de mecanismos de

exploração do corpo e da identidade nestas subculturas nos dá um material de análise bastante denso da produção simbólica da cultura. O Goiânia Noise foi escolhido por ser um festival local de grande importância para o segmento, além de ser reconhecido nacionalmente no país. Já o Lollapalooza foi selecionado por ter sido o primeiro grande festival do gênero indie rock no mundo.

O exercício de perceber o outro e o mundo a nossa volta nos conduz a um processo de apropriações imagéticas e simbólicas, as quais serão materializadas em nossa existência. E por que não em nossas vestimentas? Posto isto, a idéia desta pesquisa surge diante da observação sobre a influência cultural na construção da estética e da personalidade dos sujeitos. Se a visão e a percepção são socialmente localizadas, a experiência estética também o será.

Desta forma, pensando os sujeitos pós-modernos e fragmentados, torneados por múltiplas dobras, chega-se a questão das identidades contemporâneas. Como são criadas? Sob quais condições? Até que ponto as apropriações imagéticas tornam-se parte da identidade? Como oscila o eixo entre a alteridade e a identidade? Como percebemos o outro?

Esta pesquisa almeja traçar paralelos entre a percepção dos sujeitos sobre si-mesmos e entre a percepção dos sujeitos sobre o outro. Pensar como isto reflete em seu corpo, em sua personalidade, em sua vestimenta. Para exemplificar os processos da experiência estética no corpo pelo suporte da moda,

utilizaremos como referência as indústrias culturais, com foco na música: as bandas de rock e seus intérpretes.

A razão para a escolha das bandas e seus intérpretes é muito simples: a caracterização do figurino para compor a identidade destes grupos lhes confere suporte existencial que os localizam esteticamente. Se de um lado temos estes supostos ícones, de outro temos os seus públicos pares. É a partir desse ponto que este estudo chega a sua problemática: pensar as relações das apropriações simbólicas entre um grupo e outro. Entender o processo do olhar sobre o outro e de como isto é materializado no corpo para o exercício da identidade e da alteridade. Ambos os grupos dialogam porque possuem referências comuns que os caracterizam por afinidade estética.

Neste sentido é que no primeiro capítulo desta pesquisa se faz pertinente a introdução sobre as práticas de si, teorizadas por Michel Foucault, (1989). Para o autor ocupar-se de si é uma prática social, muito mais que apenas exercício filosófico.

Em História da Sexualidade 3, Foucault cita quatro gêneros de expressão do cuidado de si. São eles: os atos do conhecimento, a idéia do movimento e do olhar, as práticas médicas, jurídicas e religiosas e o gênero que interessa a este estudo – o prazer de si mesmo.

Na obra ele cita o “Princípio do bem geral da conversão a si”, no qual o fim de si deve ser buscado pelo próprio sujeito, diz respeito à ontologia da relação de si para consigo. Esta relação é

força motriz que nos conduz ao movimento da construção da identidade.

A conversão força um olhar para si, e também para outrem. “A relação consigo é também definida como uma relação concreta que permite gozar de si como que de coisa que ao mesmo tempo se mantém em posse e sobre as vistas”. (FOUCAULT, 1984, p.70)

Quando o autor fala da “posse” refere-se ao momento que alguém consegue ter acesso a si, gozar do prazer de si. Dado este contexto podemos pensar na fruição estética pensada por Hans Robert Jauss. Na poética diária dos sujeitos bem como a experiência estética dos mesmos na construção da subjetividade.

Na concepção foucaultiana as relações das práticas de si são relações de poder e sendo assim são relações coercitivas, uma vez que, a práxis de si perde sua autonomia devido a padrões simbólicos impostos. Desta maneira a conduta expressiva do sujeito torna-se represada por valores que não os dele mesmo, mas de outrem.

Poderíamos, então, questionar: quais seriam os critérios da estética da existência? Em que instâncias o singular se manifestaria na individualidade do corpo, sem se perder na vida impessoal da coletividade?

Se Foucault considera a vinda do cristianismo como força impeditiva e coercitiva para a autonomia da práxis de si, em tempos contemporâneos poderíamos considerar as indústrias culturais como agentes coercitivos da identidade. Sendo assim, as

relações de poder moldam as relações do sujeito para consigo.

Ao passo que, se por um lado existe uma forte influência cultural que importa aos sujeitos valores, crenças, modos de vida, modos de vestir, da qual nos apropriamos muitas vezes de forma inconsciente, por outro lado temos a questão da relação do sujeito com seu corpo.

É desta relação que o sujeito enquanto corpo fenomenal, ontológico, biológico e cultural articula o seu singular com o universal. Neste sentido, as identidades emergem diante da coerção padrão que vigora em um determinado momento histórico e sócio-cultural. Eis a práxis de si.

O corpo não é mais apenas uma identidade intangível (...) mas uma construção, uma instância de conexão, um terminal um objeto transitório e manipulável suscetível de muitos emparelhamentos (...). Hoje o corpo constitui um *alter ego*, um duplo de si mesmo, mas disponível à todas modificações, prova radical e modulável da existência pessoal e exibição de uma identidade escolhida provisória ou duravelmente.²

O corpo, segundo Le Breton torna-se o suporte para a experiência da identidade, suporte este que é extremamente modulável, um *alter ego* que projetamos para dar configuração a um determinado arquétipo social que criamos. A representação de si, pensando o corpo como uma estrutura simbólica, é um suporte social que se modifica, conforme o momento, produzindo não apenas duplos, mas uma quantidade significativa de “eus”, se impondo como um “artefato da presença”.

Considerando-se o corpo como um artefato da presença,

² LE BRETON, David. *Adeus ao corpo: Antropologia e Sociedade*. Tradução Marina Appenzeller. Campinas, SP: Papyrus, 2003, p.28.

poder-se-ia dizer que o vestuário também o é. Entendido como uma projeção ou continuação do corpo, o vestuário representa a forma de como as pessoas interpretam a cultura para uso próprio. A roupa possui em si a fantasmática do corpo, assim como o corpo nu possui a fantasmática de uma segunda pele, a roupa.

Ora, partindo da noção que somos uma sociedade que cobriu seu corpo, muito mais por uma concepção cultural do que por necessidade utilitarista, podemos afirmar que a Moda é, portanto, uma prática social.

Sendo assim, o conceito de moda será pensado como um conjunto de valores e referências simbólicas que quando materializados e quando combinados sobre o corpo produzem formação de sentido dentro de um determinado território, localizando assim, os sujeitos enquanto *personas* sociais e culturais. Uma pena ou uma cartola quando colocados na cabeça emitem diferentes mensagens sobre aquele corpo.

Há de se pensar que o traço do vestuário é muito forte nas sociedades, tanto ocidentais quanto orientais. Mesmo nas sociedades indígenas o uso de adornos exclui a condição do nu absoluto. Existe uma necessidade para além do funcionalismo, que é a marcação identitária dos sujeitos. Se estes elegeram, por certas convicções culturais, que o corpo deveria ser, de alguma forma, coberto ou ornamentado ou recomposto é porque as sociedades encontraram na vestimenta um elo de conexão como o meio externo a elas, uma resposta sígnica para localizá-las no espaço em que

vivem.

Se forcarmos o olhar sobre o assunto, perceberemos que somos uma sociedade “vestida”. Na história da humanidade o vestuário sempre esteve presente, o que proporcionou, inclusive, análises históricas dos períodos. A roupa como fronteira para a demarcação da identidade social é um fato. Dentre vários exemplos, temos o conceito de civilização europeu que se utilizava da observação da vestimenta para a distinção dos supostos bárbaros e impunha padrões de vestimenta aos seus dominados.

Uniformes, roupas clericais, roupas da corte, roupas de operários, roupas infantis, roupas de subversão, roupas de homens, roupas de mulheres, sapatos, jóias, chapéus, perfumes, tatuagens, penachos, piercings, etc., todos resumem-se a uma coisa só: elementos para marcação identitária na sociedade.

“As roupas como artefatos criam comportamentos por sua capacidade de impor identidades sociais e permitir que as pessoas afirmem identidades sociais latentes”. (CRANE, 2000, P.22). Sendo assim, a moda é uma prática de si, um exercício estético da identidade que transforma a subjetividade em algo objetivo: a roupa.

A definição de Foucault sobre as práticas de si se encaixaria perfeitamente no conceito sobre o sistema da moda:

(...) Práticas refletidas e voluntárias através das quais os homens não somente fixam-se regras de conduta, como também procuram se transformar, modificar-se em seu singular e fazer de sua vida uma obra que seja portadora de certos valores estéticos e responda a certos critérios de estilo.³

³ FOUCAULT, Michel. História da Sexualidade 2: O Uso dos Prazeres. Tradução de Maria Teresa da Costa Albuquerque; Revisão técnica de José Augusto Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984. P.15

O foco deste trabalho não se concentra em fazer uma historiografia da moda, a fim de demonstrar o uso do vestuário como distinção e poder social ao longo dos séculos. Muito embora seja pertinente mencionar a função social do vestuário na demarcação das identidades ao longo da história como forma de legitimação de um grupo no espaço público.

Muitos momentos históricos registram a ostentação do vestuário como afirmação de uma proposta ideológica e cultural. Cabe lembrar que o sistema da moda como o entendemos hoje, é considerado apenas a partir do Século XIX. Entretanto, para este estudo, o conceito se ampliará, à medida em que o que nos interessa é a práxis da identidade mediada pelo vestuário.

Personas como o Rei Sol ou Maria Antonieta, na França, são célebres personagens históricos que nos revelam a força da personalidade marcada pelo vestuário e sua influência social como referência estética para o público que se identificava com o universo simbólico proposto por tais caracterizações.

Ou ainda, no período posterior a Segunda Guerra Mundial, ao contrário da ostentação da corte francesa, o meio do Século XX foi marcado por uma total sobriedade e pouco luxo. Um período tenso pedia uma resposta social à altura. Desta forma, a resposta da sociedade na época foi manter-se sob roupas discretas que representassem a crise econômica e política do momento.

O que se quer dizer com isso é uma re-afirmação do

entendimento da moda como uma relação de si consigo e com os outros, logo um sistema social que molda identidades conforme localização sócio-histórica e cultural. A flexibilidade de modulação do corpo para a configuração da identidade criou sujeitos fractais, tal condição é o que se denomina hoje de sujeito pós-moderno.

O segundo capítulo se direciona dentro desta noção: a análise das identidades contemporâneas, pensando os discursos da moda pelas narrativas visuais criadas pelos sujeitos. Stuart Hall acredita que devido às constantes modificações sociais, culturais e históricas ocorridas na pós-modernidade, os sujeitos estariam empenhados não na construção de identidades, mas na construção de identificações. A terminologia se deve ao fato de que a construção de si mesmo é um processo contínuo, em constantes mutações.

Uma vez que os sistemas culturais oferecem possibilidades múltiplas de artefatos simbólicos para a construção do *self*, nas palavras de Hall um “supermercado cultural” esta à disposição para a apropriação dos sujeitos. Desta apropriação temos o corpo como signo da mediação entre o mundo objetivo e subjetivo.

Quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as identidades se tornam desvinculadas – desalojadas – de tempos, lugares, histórias e tradições específicos e parecem “flutuar livremente”.⁴

Ainda sobre o segundo capítulo, partimos para a reflexão das

⁴ HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 6º ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. P.75.

identidades contemporâneas pelo viés do culturalismo, da Cultura Visual, pensando os corpos como visualidades, artefatos visuais portadores de significados simbólicos. A moda é geradora de narrativas visuais.

A cultura visual apóia-se no sujeito pós-moderno e fragmentado. É desta fragmentação que surge o fluxo das relações da identidade com a alteridade e é deste fluxo que se firma a dinâmica da práxis de si. A desterritorialização das culturas e das ideologias favoreceu a ampliação das possibilidades de referências simbólicas na sociedade. A identidade torna-se, assim, uma celebração móvel que se molda conforme o sistema cultural, uma espécie de “*work in progress*”⁵ ou processo de identificação, nas palavras de Hall.

Ao pensar na sociedade fractal deve-se levar em conta o consumo de bens culturais que o sistema oferta. O vasto leque de segmentações simbólicas permite aos sujeitos uma flutuação e apropriação simultâneas por várias delas. Desta dinâmica os estilos de vida vão se modificando conforme o sujeito vai se modificando em seu singular. A sociedade contemporânea libera o sujeito da tradição, devido à sua multiplicidade, e o deixa livre para a construção de si.

De tempos em tempos, uma pessoa tende a alterar seu estilo de vida e, como um grande número de pessoas se envolve nesse processo, as características desses estilos evoluem e mudam.⁶

⁵ Expressão inglesa para trabalho contínuo, sem fim, em processo.

⁶ CRANE, Diane. *A moda e seu papel social: Classe, Gênero e Identidade das roupas*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2006.P.37

A liberdade do sujeito fractal permite uma imensa gama de narrativas pessoais, já que a construção da identidade não está mais ligada às esferas da política ou status econômico. Um sujeito pode ser portador de várias identidades ao mesmo tempo, e separar o sujeito do trabalho, o sujeito do lazer, o sujeito de família, se assim o quiser.

Estilo, prazer emoção, fuga do tédio no trabalho ou na diversão, ser atraente para si mesmo ou para os outros, essas se tornam preocupações centrais da vida e afetam os padrões de consumo na pós-modernidade, ao invés da cópia do modo de vida e dos padrões de consumo de grupos de status "superior".⁷

Estes inter-ligamentos ocorrem porque a moda consegue re-significar os artefatos, lhes conferindo informações conforme disposição e combinação no corpo. A prática da moda é uma escolha livre, no sentido em que, o sujeito colhe os artefatos que lhe parecem agradáveis e significam alguma coisa.

Mesmo existindo os formadores de opinião e as tendências de consumo de mercado, em que modos de vida são vendidos, ainda assim há escolha sobre o que será apropriado, desta ou daquela informação para a construção da identidade. Como as apropriações são diferentes porque os universos simbólicos pessoais são diferentes, tem-se a projeção de *personas* também diferentes, havendo similaridade apenas no estilo ou nicho social a que pertencem. Dentro da questão dos nichos podemos analisar melhor os processos de construção da identidade por meio da moda.

⁷ BOCOK, Robert. Consumption. Nova York: Routledge, 1993. P.81, Apud, CRANE, Diane. A Moda e seu Papel social: Classe, gênero e Identidade das roupas. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2006. P.38

É neste gancho que o terceiro capítulo deste estudo se apóia: pensar a moda como suporte da existência, refletir sobre as nuances das relações entre os sujeitos na sociedade. A moda é uma prática social, bem como a cultura popular também é. Sendo assim, este estudo buscará refletir o diálogo entre a moda e a música, dentro do nicho do rock alternativo.

Perceber como os interpretes das bandas e o seu respectivo público se comunicam visualmente pela prática da moda, como se fazem portadores de uma identidade similar pela narrativa construída pelo seu modo de vestir.

Assim, serão levantadas as questões sobre a moda como instrumento para o suporte existencial dos grupos. Como as narrativas visuais que a moda oferece, garantem aos grupos caracterizações que os localizam socialmente no espaço público. A abordagem se dará pela análise de dois festivais, o Goiânia Noise e o Lollapalooza com foco no público que os frequenta, pensando a estruturação das identidades nestes cenários.

As análises serão feitas por fotografias obtidas nos festivais ⁸, nos quais, com auxílio da noção culturalista sobre o conceito de cultura e identidade serão pontuadas as características simbólicas dos artefatos postos sobre os corpos. Lembrando que o que será analisado será o objeto fotografado e não a foto em si.

A idéia é comparar as bandas e seus públicos pares no processo de construção da identidade dentro de um determinado

⁸ Festival Goiânia Noise na cidade de Goiânia, no Brasil e Lollapalooza Music Festival, na cidade de Chicago, nos Estados Unidos.

universo simbólico. “A roupa usada por alguém pode ser definida para além de seu aspecto material, refletindo o significado de um conteúdo comum a muitas pessoas.” (CORREA, 1989, P.34)

O rock dentro da cultura popular foi um gênero de subversão, de provocação dentro da cultura popular, uma subcultura que na maioria das vezes atraiu os jovens. Eles, geralmente, buscavam expressão em resistência à cultura dominante. O suporte existencial que a moda proporciona é o caminho mais rápido e eficaz para a expressão da identidade em narrativas visuais.

A questão da subcultura no rock é importante porque ela questiona os padrões vigentes na sociedade e propõe formas alternativas de posicionamento social. O fato de as bandas estarem em uma posição de destaque social favorece a disseminação da provocação à cultura de massa. Quando David Bowie, figura 2 e os New York Dolls, figura 1, em 1970 se travestiam, questionavam a questão do gênero na sociedade, ou ainda os Beatles a usarem ternos de grife e cabelos compridos para a época estavam questionando valores da sociedade inglesa.



Figura

1.The New York Dolls, 1973. Figura 2. David Bowie, 1972.⁹

É neste tom que a música “caminha nos passos da moda”, utilizando-se de recursos estéticos e simbólicos para (re) construir um corpo que traz em si narrativas diversas, revelando à sociedade novas possibilidades de entender o mundo a nossa volta e entender a si mesmo, pela práxis de si.

⁹Fonte: <http://blograge.files.wordpress.com/2007/12/2-new-york-dolls-new-york-dolls-album-cover2.jpg>. Acesso em 10/06/2009.

Fonte: http://farm4.static.flickr.com/3177/2310827357_a81e4f2073.jpg . Acesso em 10/06/2009.

1 - Estéticas da Existência:

- 1.1. *As Práticas de si*
- 1.2. *Noções sobre a Idéia de Corpo*
- 1.3. *Os Sujeitos e os Discursos*

1.1. As Práticas de si

Falar sobre “estéticas da existência” poderia nos remeter de imediato ao entendimento sobre as estéticas que fazem alguém existir. Mas nossa existência não seria anterior à estética? Pensamento um tanto quanto cartesiano. Entretanto a proposta de uma estética da existência vai um pouco mais além. Ela nos propõe um modo de existir, uma possibilidade para o exercício de si. Propõe algo que, atualmente, a sociedade não pratica: o olhar para si mesmo.

Vivemos na sociedade pós-espetáculo, pós-moderna, pós-estruturalista, “pós-alguma-coisa”, mas o que é quem vem após? Os excessos nos cercam por todos os lados. Excessos de informações, de imagens, de sons, de padrões, de idéias. O mundo gira e os perceptos sobre si se embaralham.

A idéia desta dissertação é uma proposta de resgate do olhar para si mesmo, uma proposta de filtragem das percepções para um entendimento mais amplo sobre como construímos a nós mesmos pelas práticas culturais. A fim de nos darmos conta de nossas apropriações simbólicas em nossos corpos.

Na academia, ao que se refere à grande área das artes, estudam-se tantos “ismos” e porque não estudar os “ismos” que configuram nossa existência? É por este motivo que a escolha teórica das obras finais de Michel Foucault, tornou-se tão pertinente.

As estéticas da Existência tratam de como as subjetividades dos sujeitos são expressas no espaço público pela poética diária da práxis de si.

As estéticas da existência, ou práticas de si, são conceitos que Michel Foucault trabalha no segundo e terceiro volumes de “História da Sexualidade: “O Uso dos Prazeres” e “O Cuidado de Si”. Nas obras, ele faz apontamentos sobre a relação do sujeito consigo mesmo no processo de fruição da subjetividade.

As “práticas da aparência”, “estéticas da existência”, “práticas de si” ou “tecnologias de si”, termos os quais são articulados na conceituação de Foucault, fazem parte de um sistema convenções em que os sujeitos sob regras sociais e estéticas constroem identidades.

Deve-se entender com isso as práticas refletidas e voluntárias através das quais os homens não somente fixam-se regras de conduta, como também procuram se transformar, modificar-se em seu singular e fazer de sua vida uma obra que seja portadora de certos valores estéticos e responda a certos critérios de estilo.¹⁰

Cabe localizar a noção sobre o conceito de sujeito para Foucault. Para ele, o sujeito é entendido como um processo contínuo de subjetivação. Subjetivação a qual é construída historicamente pelos jogos de verdade ou realidade cultural, das quais ela é produto. É a prática de si que mantém ativa a subjetividade.

Podemos entender, segundo o autor, que a subjetividade compreende aos componentes conscientes e inconscientes das

¹⁰ FOUCAULT, Michel. História da Sexualidade 2: O Uso dos Prazeres. Tradução de Maria Teresa da Costa Albuquerque; Revisão técnica de José Augusto Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984. p.15

práticas culturais, sociais, econômicas, tecnológicas, das práticas do saber, da estética que se entrecruzam definindo um modo de ser, de agir, de pensar, de existir. Criamos, assim, territórios que se desdobram em novas possibilidades.

Um território é sempre um lugar de passagem, pois as subjetividades são incessantemente processualizadas. São muitos os territórios que compõe uma existência, mesmo porque territorialização e desterritorialização formam um par constante. Um território esta sempre sujeito a forças desterritorializantes – advindas das mesmas combinações que o constituíram: espaço, valores, relações, etc.¹¹

Foucault trabalha a noção da subjetividade através da relação com o tempo, em que os sujeitos articulam seus corpos conforme localização temporal e cultural. Sendo assim, as subjetividades, seriam fragmentadas e mutáveis uma vez que se relacionam com as coisas do mundo, fazendo o elo do singular com o universal.

A subjetividade é algo que acontece num corpo e dele não se desvincula. De fato, se a subjetividade é (...) uma expressão de nossa relação com as coisas, através da história então, o modo mais imediato pelo qual essa relação se expressa é o corpo, entendido não apenas como corpo orgânico, mas também como corpo construído pelas relações com as coisas que se encontram durante sua existência. Quando dizemos de um modo um tanto cru que o corpo é um corpo das relações isso significa que o corpo envolve, então, o encontro com as coisas, ficando subentendido que uma coisa pode ser um outro corpo, orgânico ou inorgânico, uma idéia, uma imagem, etc.¹²

A subjetividade pode ser entendida como um tipo de esquema cultural sugerido ou imposto pela sociedade em geral ou por grupos. Os sujeitos, desta maneira, se constituiriam através de práticas de sujeição ou práticas autônomas segundo as convenções culturais. A

¹¹ MESQUITA, Cristiane. *Roupa – Território da Existência*. In: *Fashion Theory*. Edição brasileira, Volume 1, número 2, junho 2002. P.124

¹² CARDOSO JR, Helio Rebello. *Para que Serve uma Subjetividade? Foucault, Tempo e Corpo*. In: *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 2005, 18(3). P. 345.

isto Foucault denominou de práticas de libertação, fazendo analogia à antiguidade grega. Se a prática de si é o domínio de si, o controle de si mesmo, o sujeito que assim o faz seria livre. A estética da existência, neste ponto torna-se um princípio ético, cuja premissa é que o sujeito através da prática de si recree-se a todo tempo.

A subjetividade torna-se um direito à diferença, à metamorfose, que realizada pela relação consigo, permite aos sujeitos a realizarem sozinhos ou com a ajuda do “outro” um certo número de operações sobre seus corpos, espíritos pensamentos e condutas. A presença do “outro” é importante para Foucault, à medida que é pelo outro que nos enxergamos e podemos, assim, operar a prática de si como uma prática de auto-afirmação e auto-representação.

Foucault trabalhou o conceito do “Cuidado de si” voltado para as questões do sexo e do gênero nas sociedades, segundo a filosofia romana e helenística, propondo o entendimento da sexualidade como uma experiência que localiza os sujeitos na sociedade conforme construção simbólica da identidade.

Se o corpo seria como uma superfície que reflete as características peculiares da vida moderna, o corpo estaria em consonância com a imagem que se vive, constrói-se assim, uma estética da existência. É neste sentido que podemos ampliar o conceito do autor, para as práticas da identidade, pois antes de sermos *personas* sexuais, somos *personas* sociais. A localização ontológica do sujeito e sua relação com seu corpo é anterior a sua dinâmica sexual na sociedade.

Negar a estética de si, no sentido foucaultiano, seria negar a própria existência, já que a constituição do “Eu” está ligada à imagem do próprio corpo. Assim, pensemos em corpos construídos por um discurso, corpos que se projetam pelas experiências estéticas como um meio de comunicação subjetiva com o mundo, corpos que admitem um universo de formas perceptíveis e interpretações plurais que se complementam e geram novas formas de perceptos.

Neste contexto, ocupar-se de si-mesmo é uma prática social da vida cotidiana e uma conduta racional, já que é uma prática refletida. Para este estudo, o conceito de Foucault foi ampliado a fim de se entender as práticas de si para além da sexualidade. A prática sexual e a sexualidade são, dentre tantas outras, uma das formas de nos relacionarmos com nós mesmos e com os outros.

Na obra o autor cita quatro gêneros da conversão de si, os quais seriam intercambiáveis, uma vez que se trata de uma intensificação das relações sociais de si consigo e com os outros. O primeiro, os atos do conhecimento, tratam do cuidar-se de si, tomar conhecimento de si mesmo; O segundo trata da idéia do movimento, da conversão do olhar para si, perceber-se; O terceiro trata das práticas médicas e jurídicas e o quarto gênero são as práticas de controle, que trata do prazer de si mesmo, da posse de si, domínio do sujeito.

Destes quatro gêneros é que Foucault, baseado em Epíteto, trabalha a noção do “Princípio Geral da Conversão a Si”, que seria o

objetivo comum das práticas de si. A idéia é que o fim de si mesmo deve ser buscado pelo próprio sujeito. Diz respeito à ontologia da relação de si para consigo. A conversão força um olhar para si mesmo na construção da identidade, isto é o que Foucault chama de “ética do domínio, que seria o acesso a si. “Alguém que conseguiu, finalmente, ter acesso a si próprio é, para si, um objeto de prazer.” (FOUCAULT, 1985, P.70)

Das relações de si para consigo e para com o outro o cuidado de si envolve-se em relações de poder. Para Foucault as instituições sociais, em específico, o cristianismo, minaram a autonomia da práxis pessoal. Daí a função da conversão a si: converter olhar para si mesmo, livrando-se da coerção das imposições sociais.

A condição do corpo fenomenal e do corpo objetivo resulta da prática de si como uma relação de poder, mas um poder que vem de si mesmo, domínio do singular e o universal, configurado na materialidade do corpo.

Se o cristianismo é considerado como força impeditiva para a práxis de si em um determinado período histórico, pode-se dizer, por analogia, que em tempos contemporâneos os sistemas culturais, mais especificamente, as indústrias culturais seriam um dos os novos agentes coercitivos das subjetividades, enquanto construção identitária.

Entretanto, se por um lado existe a coação cultural, por outro lado há a questão do auto-domínio, já que quem tem a posse de si e pratica uma conduta expressiva pela experiência da identidade, para